

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

   
LISBOA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

  
FUNDAÇÃO  
MILLENNIUM  
BCP

# AS MARCAS DE CANTEIRO DA SÉ DE LISBOA

Sofia Silvério<sup>1</sup>

## RESUMO

O estudo das marcas de canteiro, surge como suporte na identificação dos diferentes períodos de construção, por que um edifício como a Sé de Lisboa terá passado. Tendo sido identificadas dezenas de marcas de canteiro nesta catedral, tentou-se que pudessem de algum modo suportar e apoiar algumas das datações dadas às diferentes fases construtivas. Foi, ainda, abordado o estudo morfológico e simbólico das marcas, dada a sua importância no contexto epocal em que foram produzidas, pelo que constituem informação cronológica não desprecienda.

**Palavras-chave:** Marcas de Canteiro, Sé de Lisboa, Arqueologia da Arquitectura.

## ABSTRACT

The study of the marks of stonemason, appears as support in the identification of the different periods of construction, why a building like the Cathedral of Lisbon will have passed. Having identified dozens of stonemason marks in this cathedral, it was attempted that they could somehow support and support some of the dating given to the different constructive phases. It was also approached the morphological and symbolic study of the marks, given its importance in the epochal context in which they were produced, reason why they constitute chronological information not negligible.

**Keywords:** Stonemason Marks, Lisbon Cathedral, Archeology of Architecture.

Segundo Madeleine Winkkel (1965, p. 6) “*a sigla foi, no início, a marca duma «oficina» – escola que transmitia o conhecimento técnico por meio da prática diária no local de construção – composta por vários artífices e aprendizes. Dentro de cada «oficina» em acção vão-se formando pouco a pouco variações da sigla base: estas variações irão individualizar os homens*”. J.M Cordeiro de Sousa (1928, p.3) acrescenta, ainda, que as referidas marcas devem ser “*uma indicação do trabalho produzido pelo canteiro, para lhe ser contado o pagamento da empreitada*”. Com base nas anteriores premissas, as marcas de canteiro podem, deste modo, ser consideradas suporte na identificação dos diferentes períodos de construção, por que um determinado edifício terá passado. Ainda que, ao longo da historiografia do edifício, pouco tenha sido estudado acerca deste tema e à semelhança do que acontece em outros edifícios homólogos, foram identificadas dezenas de marcas de canteiro na Sé de Lisboa, nomeadamente na torre sul e norte, no deambulatório exterior, no deambulatório interior e suas capelas absidais, nas escadas

em caracol que ligam o trifório norte ao corpo da igreja e no claustro.

O levantamento dessas evidências foi realizado através do registo fotográfico, usando uma escala de 5cm. Posteriormente, as imagens foram tratadas recorrendo à ferramenta informática Adobe Photoshop, permitindo, deste modo, manter as marcas de canteiro à escala real, seguida da sua impressão e decalque. Terminada esta etapa, as imagens foram digitalizadas e mantidas à sua real dimensão.

Numa breve análise, em alguns dos casos, percebe-se que não houve uma preocupação do autor de determinada sigla em manter a mesma dimensão, exactamente as mesmas características estilísticas, e até, a sua orientação ou posição, ainda que facilmente explicada pela ideia de que “*... as marcas eram feitas antes das pedras colocadas na parede...*” (Sousa, 1928, p.7). Encontram-se nesta situação as siglas números 3, 4, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 24, 25, 36, 37, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 86, 87, 89, 90, 95, 96, 98, 99, 102, 103, 110, 111, 112, 116, 117 e 118.

De acordo com os estudos de Madeleine Van de

1. FCSH – Universidade Nova de Lisboa; sofia.d.silverio@gmail.com

Winckel e de J.M. Cordeiro, dedicados às siglas da Sé de Lisboa, é possível estabelecer algumas analogias e, assim, classificar por períodos algumas das marcas de canteiro, bem como o século a que pertencem.

De um modo geral, na torre sul foram identificadas siglas correspondentes ao século XII (siglas 1e 5), embora, as restantes marcas não tenham sido passíveis de balizar com rigor. Quanto à torre norte foram identificadas marcas de canteiro do século XII (siglas 9, 10, 15 e 16), e do reinado de D. Manuel I (1495-1521), ao qual correspondem as siglas 11, 12 e 13, demonstrando por certo uma pequena intervenção de restauro. Ainda na torre norte, foram identificadas siglas de difícil datação, dado que as mesmas foram adoptadas quer no Período Românico, quer no Gótico, tratando-se das marcas números 17 e 18. No trifório norte, não foi possível precisar cronologicamente cada uma das siglas identificadas. Percebeu-se, no entanto, que as marcas de canteiro 20 e 23 aparecem, também, nas escadas em caracol que ligam o trifório norte ao corpo do templo, pelo que terão sofrido intervenção na mesma altura.

A parte exterior do deambulatório apresenta, nas superfícies das paredes, siglas do século XII (siglas 35 e 41), o que poderá levantar a questão de que algumas das marcas terão sido adoptadas por diferentes mestres ou oficinas durante vários séculos, ou mesmo a reutilização de alguma da pedraria mais antiga. Ainda no mesmo espaço, identificaram-se siglas atribuídas ao século XIV (siglas 26 e 40).

Também no deambulatório mas na sua parte interior e capelas absidais, foram identificadas siglas classificáveis no século XII (sigla 49), que à semelhança do que foi descrito anteriormente, poderá levantar questões acerca da utilização contínua do mesmo sinal por diferentes mestres ou oficinas, assim como relativos ao reaproveitamento de pedraria anteriormente existente. Foram ainda reconhecidas siglas do reinado de D. Dinis (1279-1325), a que correspondem as siglas 52, 53 e 69, e siglas do século XVI como é o caso da sigla 41.

Nas escadas em caracol, que ligam o trifório norte ao corpo da igreja, encontram-se representadas siglas características do século XII, nomeadamente as correspondentes às siglas 110, 111, 112, 119 e 122. As restantes marcas são difíceis de classificar, percebendo-se, no entanto, que este local foi alvo de intervenção de restauro, nos anos 20 da passada centúria, sendo prova disso a figura 1.

Quanto ao claustro, não se pode tirar conclusões

que possam ser fidedignas. A sigla nº 124 parece estar incompleta, devido ao restauro de um dos blocos de pedra. Por outro lado, as marcas nºs 125 e 126 são passíveis de terem sido reutilizadas ao longo dos tempos. As duas siglas leteriformes (127 e 128) também são pouco conclusivas em termos de datação.

A gravação original das presentes siglas, foi na sua maioria, efectuada recorrendo à técnica de incisão, e só muito pontualmente através de picotagem. A qualidade da matéria-prima de base contribuiu para o bom estado de conservação, a que nos chegam as ditas marcas.

Todas as siglas foram tratadas e caracterizadas em fichas individuais presentes no anexo 3. Foi, ainda, elaborado quadro geral de todas as marcas de canteiro distribuídas por tipologia (leteriformes, abreviaturas, estreliformes, chaves, cruciformes, flechas e outras) e com número de ficha correspondente.

## 1. LETERIFORMES

Verificámos dez formas distintas desta letra, sendo as mais simples as correspondentes aos nºs 7 e 19, não apresentando segmento recto, até às mais complexas como a nº 20 composta por dois segmentos, no seu interior, formando um X e boleado nas extremidades inferiores. Em nenhuns dos casos foi possível chegar a uma datação fidedigna

A letra B apresenta-se de forma singular, com uma morfologia simples. Desconhece-se a sua cronologia. No caso da letra C, foram verificados doze formas divergentes. A sua figura pode apresentar-se com formas redondas, como as correspondentes aos números 3, 4, 6, 117, 118, 119 e 22, ou com formas quadrangulares, como as siglas correspondentes aos números 15, 16, 84, 120 e 92. A mais simples corresponderá ao nº 6 e a mais complexa a nº 22, em que as suas extremidades são boleadas.

Encontrou-se na Sé quatro formas distintas da letra D. A mais simples corresponde ao nº 108 e as mais complexas aos números 67 e 78, apresentando estas, dois segmentos rectos no seu interior. A sua cronologia é desconhecida, no entanto as siglas mais complexas, anteriormente referidas, foram identificadas em textos do século XV.

A letra E apresenta-se de forma singular, com uma morfologia simples. Desconhece-se a sua cronologia. Em forma de G minúsculo, apresenta-se de forma singular. Desconhece-se a sua cronologia.

Verificámos quatro formas distintas desta letra. As

mais simples correspondem aos nºs 64 e 128, das quais se desconhece cronologia, até às mais complexas como as nºs 5 e 41 com forma triangular nas extremidades superior e inferior, que pertencem ao século II.

Em forma de L maiúsculo, apresenta-se de forma singular. Desconhece-se a sua cronologia.

Em forma de M maiúsculo, foram encontrados dois exemplares na Sé de Lisboa. Morfologicamente apresentam extremidades elaboradas e segmento de recta na extremidade central. A sua cronologia corresponderá aos séculos XIV-XV.

Em forma de N maiúsculo, apresenta-se de forma singular e simples. Desconhece-se a sua cronologia.

Em forma de P maiúsculo, apresentam-se de forma singular e simples. Desconhece-se a sua cronologia. Verificámos dez formas distintas desta letra, sendo as mais simples as correspondentes aos nºs 17, 18, 79 e 108, até às mais complexas como a nº 70 composta por dois segmentos nas suas extremidades. As siglas nºs 98 e 99, apresentam-se em forma de S medieval minúsculo. Em nenhuns dos casos foi possível chegar a uma datação fidedigna

Em forma de T, as duas siglas apresentam morfologia divergente. A sigla nº 113 apresenta-se de forma simples, com dois segmentos rectos, já a sigla nº 82 apresenta características mais elaboradas, com as duas extremidades superiores arredondadas. Desconhece-se a sua cronologia.

Em forma de Y, as duas siglas apresentam morfologia equivalente. A sua cronologia é desconhecida.

Foram encontrados quatro siglas distintas desta letra, sendo a mais simples a sigla nº 110 e a mais complexa a sigla nº 69. As mais complexas apresentam quatro “dentes”, em vez de três como as restantes. A cronologia destas siglas é desconhecida, à excepção da sigla nº 69, cuja datação atribuída pertence ao reinado de D. Dinis (1279-1325).

Verificámos duas formas similares desta letra, de difícil interpretação. A sua cronologia é desconhecida.

## 2. ABREVIATURAS

A maioria das abreviaturas identificadas na Sé de Lisboa são de fácil interpretação, correspondendo a antropónimos. No caso das siglas número 27, 30 e 47, ainda que correspondam a abreviaturas, são morfológicamente mais complexas, dificultando interpretação rigorosa. Desconhece-se a cronologia de cada uma delas.

## ESTRELIFORMES

Foram encontradas cinco estreliformes muito semelhantes, ainda que umas se apresentem maior perfeição morfológica que outras.

Com forte carga simbólica, este signo pode ter múltiplos significados, ainda que todos eles se resumam ao número cinco, que expressa a união dos desiguais. Podendo representar reconhecimento para membros de uma mesma sociedade ou, até, símbolo da ideia perfeita (Chevalier e Gheerbrant, 1986, p.811). A sua cronologia corresponde ao século XII.

## 3. CHAVES

Foram verificados três exemplares similares deste signo. Apresenta na sua morfologia dois dentes e forma circular na sua extremidade esquerda.

Simbolicamente pode representar o acesso ao paraíso, poder ou prosperidade (Chevalier e Gheerbrant, 1986, p.670). A sua cronologia é desconhecida.

## 4. CRUCIFORMES

Foram verificadas cinco formas cruciformes distintas. A sigla nº 34 representa a cruz grega, as nºs 46 e 91 a cruz potênçada, a sigla nº 126 a cruz suástica ou gamada e nº 45 a cruz triunfante que simboliza o triunfo final ou reinado de Jesus Cristo sobre o mundo.

De um modo geral, e apesar de ser um dos símbolos mais antigos do mundo, na tradição cristã a cruz representa a história da salvação e paixão de Cristo (Chevalier e Gheerbrant, 1986, pp.362-363).

À excepção da sigla nº 48, com datação atribuída ao século XVI, é desconhecida a cronologia das restantes marcas de canteiro.

## 5. FLECHAS

Foram identificados dois tipos distintos de flechas, sendo a nº 123 mais complexa e a nº 125 mais simples e menores dimensões.

Podendo ter vários significados, essencialmente, este signo pode representar o intercâmbio entre o Céu e a Terra (Chevalier e Gheerbrant, 1986, p.502). A sua cronologia é desconhecida.

## 6. OUTRAS

A maioria das siglas presentes nesta categoria são de difícil interpretação, sem qualquer paralelo. Ainda

assim, o signo presente na sigla nº 8 apresenta paralelos em estampilhas na cerâmica almóada e corresponderá aos séculos XII-XIII.

A sigla nº 40 corresponde à flor-de-lis que será sinónimo de brancura e consequentemente de pureza e inocência (Chevalier e Gheerbrant, 1986, p. 504).

A sua cronologia corresponderá ao século XIV.

A cronologia das restantes siglas é desconhecida.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fernando de (1962) – “A arte visigótica em Portugal”, *O Arqueólogo Português*, vol. IV, pp. 7-278.

AMARO, Clementino José Gonçalves (2001) – “Presença muçulmana no claustro da Sé Catedral – três contextos com cerâmica islâmica”, *GARB – Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*, pp. 165-197, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa.

ARAÚJO, Norberto de (1944) – “*Inventário de Lisboa*”, fascículo 1, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.

ARRUDA, Ana Margarida; FREITAS, Vera Teixeira de; VALLEJO SANCHEZ, Juan (2000) – “As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 3 (1), pp. 25-59.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain (1986) – “*Diccionario de los Símbolos*”, Editorial Herber, Barcelona.

CHICÓ, Mário Tavares (1953) – “A Catedral de Lisboa e a arte portuguesa da Idade Média”, *Belas Artes*, nº 6, pp. 3-6.

FERNANDES, Carla Varela (2006/2007) – “D. Afonso IV e a Sé de Lisboa – A escolha de um lugar de memória”, *Arqueologia e História*, nºs 58/59, pp. 143-166.

FERNANDES, Paulo Almeida (2002) – “O sítio da Sé de Lisboa antes da Reconquista”, *Artis*, nº 1, pp. 57-87.

FERNANDES, Paulo Almeida (2004) – “Iconografia do Apocalipse: uma nova leitura do portal ocidental da Sé de Lisboa”, *Revista Estudos – Património*, nº 7, pp. 91-100.

FUSCHINI, Augusto (1904) – “*A Architectura Religiosa da Edade-Média*”, Imprensa Nacional, Lisboa.

GOMES, Rosa Varela (1999) – *Silves (Xelb) uma cidade do Gharb Al-Andalus: Arqueologia e História (séculos VII-XIII)*, volume I, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

HARRIS, Eduard (1991) – “*Principios de Estratigrafia Arqueológica*”, Editorial Crítica, Barcelona.

JORGE, Virgolino Ferreira (1989) – “Aspectos Iconográficos dos capitéis da Igreja do Salvador do Mundo no Sobral de Monte Agraço”, *Boletim Cultural da Póvoa de Varzim*, volume XXVI, pp. 509-520, Câmara Municipal, Póvoa de Varzim.

MATOS, José Luís Martins de (1994) – “Escavações arqueológicas nos claustros da Sé de Lisboa”, *Al-Madan*, 2ª Série, vol. 3, p. 108.

MATTOSO, José (1993) – “*A Monarquia Feudal (1096-1480)*”, História de Portugal, volume II, Editorial Estampa, Lisboa.

SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo (1994) – *Diccionario da História de Lisboa*, Editora Carlos Quintas e Associados Lda., Lisboa.

NETO, Maria João (1999) – “Os restauros da catedral de Lisboa à luz da mentalidade do tempo”, *Carlos Alberto Ferreira de Almeida in Memoriam*, vol. II, pp. 131-141, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

NUNES, Eduardo Borges (1981) – “*Abreviaturas Paleográficas Portuguesas*”, 3ª edição, Lisboa.

REAL, Manuel Luís (1995) – “Inovação e resistência: dados recentes sobre a Antiguidade cristã no Ocidente peninsular”, *IV Reunió d’Arqueologia Cristiana Hispànica / Secció Històrica – Arqueologia*, pp. 17-68, Institut d’Estudis Catalans, Institut d’Arqueologia e Prehistoria, Universitat de Barcelona, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de História de Arte, Universidade Nova de Lisboa, Barcelona.

RODRIGUES, Jorge (1995) – *História da Arte Portuguesa*, volume I, pp. 181-263, Temas e Debates, Lisboa.

SOUSA, J-M. Cordeiro de (1928) – “Marcas de Canteiro”, *O Arqueólogo Português*, vol. XXVII, pp. 1-9.

SUCENA, Eduardo (2004) – “*A Sé de Patriarcal de Lisboa*”, História e Património, Sete Caminhos, Lisboa.

SUMAVIELLE, Elísio (1986) – “*Igreja de Santa Maria Maior, Sé de Lisboa*”, Instituto Português do Património Cultural, Editora Teorema, Lisboa.

WINCKEL, Madeleine Van de (1965) – “*Atribuição de data a edifícios antigos pelo método das siglas lapidares*”, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.



Figura 1 – Grafito de 1920, localizado nas escadas que ligam o trifório norte ao transepto, Sé de Lisboa.



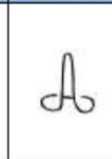




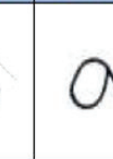




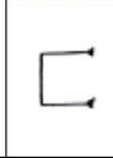
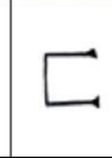
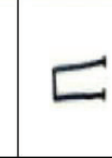







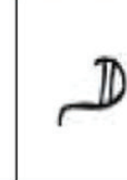





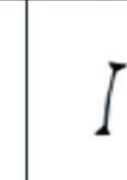



Nº7	Nº 19	Nº122	Nº 89	Nº90	Nº20	Nº 114	Nº39
							
Nº122							
							
Nº3	Nº4	Nº 6	Nº15	Nº16	Nº 84	Nº 116	Nº 117
							
Nº 118							
							
Nº119							
							
Nº 92							
							
Nº22							
							
Nº 62							
							
Nº 67							
							
Nº78							
							
Nº107							
							
Nº 93							
							
Nº 2							
							
Nº5							
							
Nº41							
							
Nº64							
							
Nº128							
							
Nº127							
							

Figura 2A – Leteriformes (Marcas de canteiro da Sé de Lisboa).

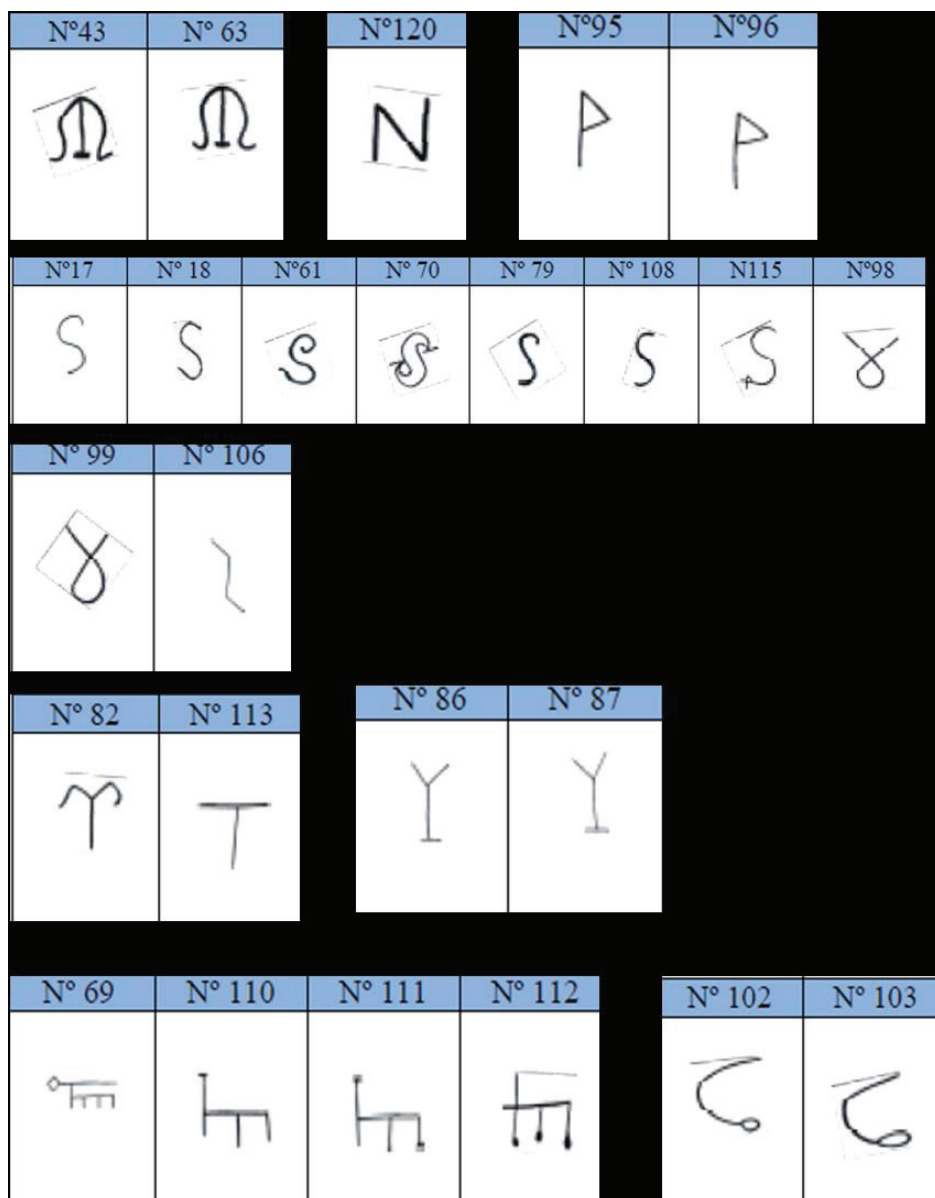


Figura 2B – Leteriformes (Marcas de canteiro da Sé de Lisboa).

Nº 33	Nº 38	Nº 42	Nº 66	Nº76	Nº83	Nº 124	Nº68
Nº 24	Nº 25	Nº 44	Nº 54	Nº 55	Nº 71	Nº 57	Nº 59
Nº 32	Nº 50	Nº 51	Nº 52	Nº 53	Nº 26	Nº 58	Nº 65
Nº 72	Nº 73	Nº 80	Nº 75	Nº 81	Nº 27	Nº 30	Nº 47

Figura 3 – Abreviaturas (Marcas de canteiro da Sé de Lisboa).

Nº1	Nº 9	Nº10	Nº 35	Nº49

Figura 4 – Estreliformes (Marcas de canteiro da Sé de Lisboa).

Nº 21	Nº 36	Nº 37

Figura 5 – Chaves (Marcas de canteiro da Sé de Lisboa).



Nº 123	Nº 125
	

Figura 6 – Flechas (Marcas de canteiro da Sé de Lisboa).







Nº 34	Nº 46	Nº 91	Nº 126	Nº 45	Nº 48
					

Figura 7 – Cruciformes (Marcas de canteiro da Sé de Lisboa).




















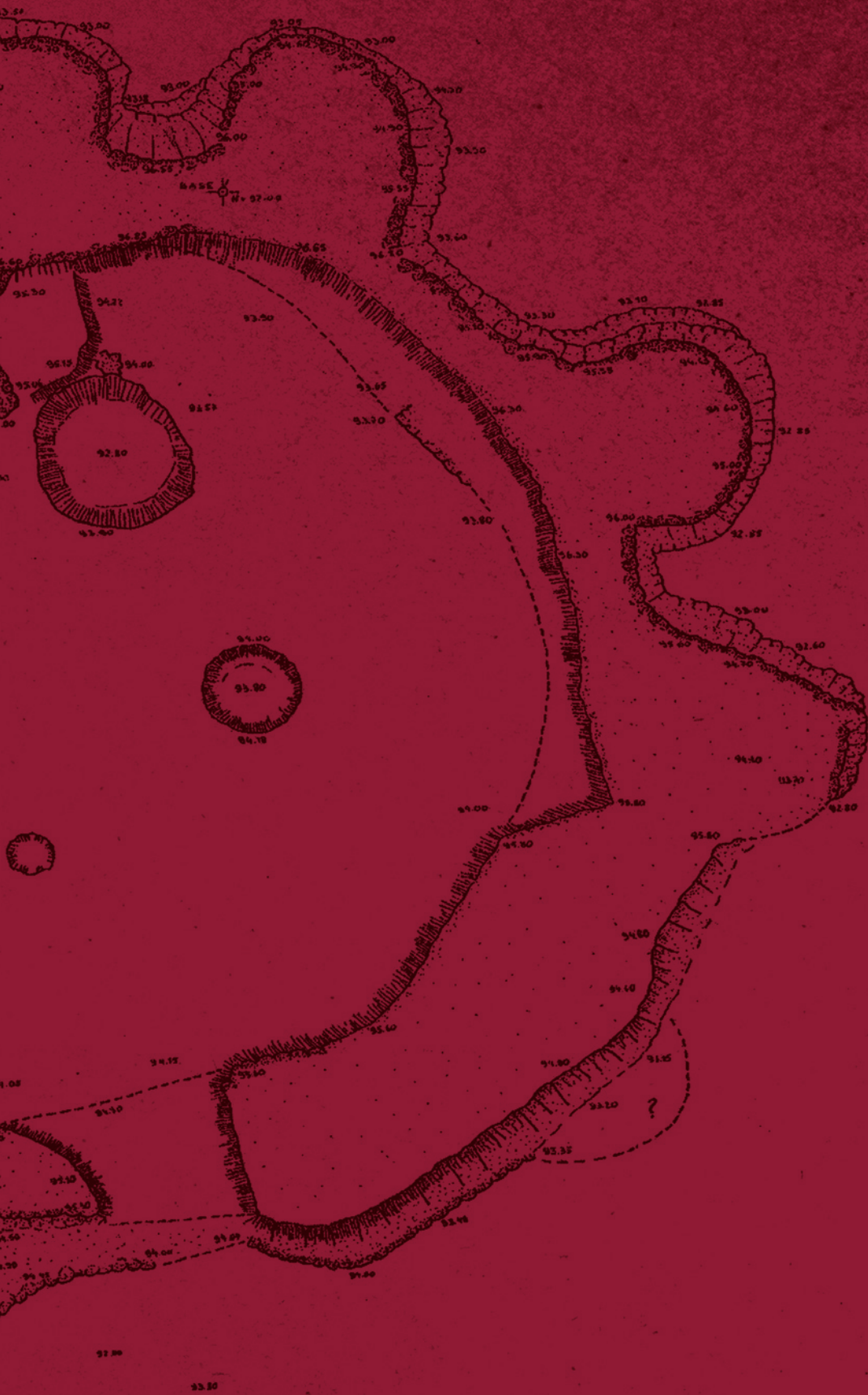
Nº 11	Nº 12	Nº 13	Nº 14	Nº 104	Nº 60	Nº 8	Nº 28
							
Nº 101	Nº 56	Nº 109					
							
Nº 31	Nº 40	Nº 74	Nº 85	Nº 88	Nº 94	Nº 97	Nº 100
							

Figura 8 – Outras (Marcas de canteiro da Sé de Lisboa).



Patrocinador oficial